



O PROVIDOR DE JUSTIÇA
Na defesa do Cidadão: perceber para prover.

(Palavras proferidas aquando da tomada de posse do Senhor Provedor-Adjunto, Dr. Henrique Rosa Antunes)

O tempo, esse grande escultor – escultor não só da pedra, mas também dos rostos, dos corpos e das instituições – não tem parança, não tem detença e, quando menos se espera, vemos aquilo que nunca foi visto. Vemos como o tempo fez mudar as coisas e nos fez mudar o nosso olhar sobre as coisas.

É fácil glosar e declinar a *tort et à travers*, palavras, sugestões, requebros, ademanes ou atribulações sobre o tempo. É fácil, demasiado fácil até. Mas uma coisa é certa: é nesta vertigem do tempo que passa, em que as instituições estão inseridas, que nós, homens e mulheres de carne e osso, nos vamos vendo e revendo, precisamente não no tempo que passa mas nos espelhos que a história, a grande história ou a pequena história, nos vai dando, a benefício de inventário, para vermos as nossas imagens refletidas. Daí que o que qualquer pessoa de bem pode pedir e deve pedir ao tempo não é que ele não seja implacável, porque isso ele vai ser sempre, pois é de sua natureza. Mas o que lhe podemos pedir é que, para além de ser implacável, ao menos, se mostre justo. E que justiça podemos pedir ao tempo? Uma justiça banal, terra a terra e corriqueira. Que ele seja um reflexo simples e singelo daquilo que fomos fazendo. Que ele se reflita na banalidade de um espelho sem curvaturas. Coisa pouca, mas coisa que, infelizmente, jamais acontece. Não digo que o tempo se



O PROVIDOR DE JUSTIÇA

Na defesa do Cidadão: perceber para prover.

reflita, reverbere, requebre ou decline sempre em espelhos de fancaria, de feiras imaginárias ou verdadeiras da nossa infância. Não. Porém, não tenhamos nenhuma esperança, o tempo, por vaidade ou por mor da sua crua e fria natureza de ser inexorável, tem sempre uma franja, um pedaço, uma ruga que nos vai deixar imorredoiamente marcados pelo desespero de sentirmos que as coisas não foram assim como as vemos refletidas e, destarte estejamos a ser injustiçados. Mas de nada vale esse nosso grito. O tempo levado pelos cavalos brancos e negros de Platão corre sempre, mas sempre, à frente de nós, quer como pessoas, quer como instituições e só nos deixa, talvez, sabiamente, para nosso bem, migalhas ou pedacinhos refletidos das nossas pobres estórias pessoais ou da nossa história coletiva.

Todavia, tudo o que se vem de dizer ou razoar e que, na sua aparente simplicidade pode querer significar desesperança, nada tem dessa qualidade, sublinhe-se a traço grosso e por duas vezes. A aceitação do que se acaba de discretear é, antes e definitivamente, também a tutela e a defesa de uma linha de horizonte que está para além de nós e que convoca sempre a esperança. Mas qual esperança?

A esperança lúcida, crítica e atuante. A esperança que não é passiva mas que age e nos chama e interpela. A esperança que olha para a frente, mas tal como *Janus* também olha para trás. A esperança que tem os pés assentes na terra e os olhos virados para o céu. A esperança que acredita nas mulheres e nos homens de carne e osso que são capazes de se comprometer com o bem comum. A esperança que prenhe de esperança pode, ainda, rebentar em fulgores de maiores esperanças. A



O PROVIDOR DE JUSTIÇA

Na defesa do Cidadão: perceber para prover.

esperança que não tem medo de ser angústia para se tornar em esperança ainda maior. A esperança que se põe ao lado de todos aqueles que sofrem, para que deles receba um impulso, para que outros mais à frente não venham a sofrer. A esperança que olha os pobres, os infelizes, os velhos, os injustiçados e que, por isso, em caso algum, pode ser, solertemente, só sussurro ao ouvido dos fortes e grito aos fracos. A esperança que tem de arrastar consigo a benquerença. A esperança que tem, outrossim, de ser lugar de todas as realizações possíveis onde floresça a justiça. A esperança, que na simplicidade de ser só esperança, se abre à glória de trazer os outros à sua própria esperança.

Senhor Provedor-Adjunto, Dr. Henrique Rosa Antunes, permita-me que lhe diga, que a sua vinda não pode deixar de ser compreendida como um lugar, uma leira, um adro, uma praça, um território de esperança. De esperança que tenho a certeza que se mostrará como realidade, porquanto as suas qualidades, o seu saber e a sua sensibilidade são pilares mais do que suficientes para continuar, e até fortalecer, o caminho que já se rasgou e construiu. Carreiro que se vai continuar a construir, para satisfazer o comprometimento ético que cada um de nós, quando juramos servir o Estado, tendo como pesa-sóis a Lei e a Constituição, o fizemos para servir, indubitavelmente, em qualquer mínus levado a cabo nesta casa, os nossos concidadãos, pois são eles o *alfa* e o *omega* do nosso horizonte, enquanto órgão do Estado que é político, porquanto defende intransigentemente o que de mais nobre tem a *polis* mas que não é, não pode, nem deve ser político-partidário. E, se me permite, o pilar de esperança — com todas as variações que atrás fomos definindo



O PROVIDOR DE JUSTIÇA

Na defesa do Cidadão: perceber para prover.

— que a sua presença, a partir de agora, aqui representa, mostra-se extraordinariamente bem recortado em horizonte límpido. E isso acontece porque a Senhora antecessora do seu cargo, a Senhora Dra. Helena Vera-Cruz Pinto, já lançara, com justeza, os caboucos de um trabalho que vindo detrás, muito detrás, o fez de maneira suficientemente profunda, para que tudo agora possa assentar e crescer sem medo ou perturbação de grandes oscilações. Acresce que vai ter a seu lado, o Provedor-Adjunto, Senhor Dr. Jorge Miranda Jacob, que, na singeleza do gesto, na temperança da palavra, na força do trabalho e, ainda, na consistência do pensamento não deixará, em total autonomia e cumplicidade, quer pessoal, quer institucional, não de o ajudar, porque Vossa Excelência disso não precisa, mas antes pura e simplesmente consigo partilhar as pequenas grandes coisas de que é feita esta casa.

4

Sim, de que “cousas” se constrói, se levanta, esta instituição? Constrói-se, levanta-se, de singelas ações reflexivas em que se vê o incondicional comprometimento com a defesa dos direitos humanos, testemunhado, entre outros pontos, nas visitas inspetivas levadas a cabo a prisões, centros de detenção, hospitais psiquiátricos. Constrói-se, levanta-se, nas inumeráveis canseiras com a resolução dos ínfimos ou complexíssimos problemas que a administração, central ou local, tece. Constrói-se, levanta-se, no atendimento pessoal das queixas e nas sofridas angústias ouvidas nos telefones das linhas. Constrói-se, levanta-se, no labor beneditino da triagem das queixas. Constrói-se, levanta-se, com o estudo e a ponderação de cada procedimento. Constrói-se, levanta-se, na subtil e persistente informalidade da



O PROVIDOR DE JUSTIÇA

Na defesa do Cidadão: perceber para prover.

resolução. Constrói-se, alevanta-se, na seriedade e no dever de sigilo com que tudo é feito. Constrói-se, alevanta-se, com a elaborada valoração de um pedido de inconstitucionalidade de uma norma ou segmento de norma ao Tribunal Constitucional. Mas vai, por certo, o seu ilustre colega, mostrar-lhe mais. Vai mostrar-lhe, indubitavelmente, tudo aquilo que de bom esta casa tem e que eu, aqui, não soube expressar.

Gostaria ainda de lhe dizer, Senhor Provedor-Adjunto, Dr. Henrique Rosa Antunes, que, neste órgão do Estado, muito embora hierárquico, por razão da lei, e, nesse sentido, impessoal, porque está para além das pessoas, vai encontrar, vai viver, vai conviver, sempre e sempre, com devotados servidores do Estado. Servidores que, em qualquer qualidade ou função que desempenhem, neste momento e nesta circunstância, servem o Estado, servem os seus concidadãos, através do Provedor de Justiça. Pessoas que, repito, na sua inteireza e na sua individualidade, se têm comprometido e comprometem a servir o outro, a servir os iguais que nos procuram, na sua tocante fragilidade, para resolver os seus problemas.

Senhor Provedor-Adjunto, Dr. Henrique Rosa Antunes, torno a dizer e reafirmo a esperança que a sua presença constitui. E esta não pode, não deve ser vista nem olhada como uma mera palavra de circunstância. Não sou de circunstâncias, sou antes alguém que, inconsútil, se mostra e afirma através daquilo que o Provedor de Justiça é: um órgão do Estado que tem um poder fraco que é um poder forte.

Sempre fui e continuo a ser um defensor inabalável de que a cidadania e a democracia se fazem pelo aprofundamento do princípio da igualdade, da



O PROVEDOR DE JUSTIÇA

Na defesa do Cidadão: perceber para prover.

solidariedade, da tolerância, do respeito, da unidade moral e da firmeza institucional. Sim, também pela límpida e transparente firmeza e ordem institucional que outra coisa não é senão democrática firmeza e ordem constitucional. Tão simples quanto isso. Nada mais. Mas também nada menos. E se devemos ser assim com todos os que nos procuram, porque estão sozinhos, fragilizados e desejosos de justiça, não devemos esquecer que assim devemos ser para todos os que estão dentro desta casa.

Senhoras, Senhores.

O tempo em que comecei esta perlanga não é o tempo em que a vou acabar. Isto só é uma verdade do Senhor *de la Palisse* para quem não quiser ver mais longe e mais fundo. A esperança, também aqui, é a irmã gémea da alegria mas da alegria sabedora. Por isso, este dia é marcado por uma metáfora disruptiva de *Janus*. De um lado a felicidade, do outro a alegria.

Espero, melhor, tenho a certeza, Senhor Provedor-Adjunto, Dr. Henrique Rosa Antunes, de que nos longos dias que aqui vai passar terá sempre uma face de esperança ou uma face de alegria a olhar para si. Tudo faremos, eu e todos os servidores deste nobre pedaço orgânico de Estado, para que, em caso algum e em momento algum, a esperança e a alegria não estejam presentes no seu, no nosso, dia a dia.